



O legado de Goethe no romance ocidental: caminhos e descaminhos do cânone mínimo

Gabriel Victor Rocha Pinezi

Romance de formação: caminhos e descaminhos do herói, de Maria Cecília Marks e Marcus Vinicius Mazzari (orgs.), Cotia, Ateliê Editorial, 2020, 576 p.

Há algo de que não se pode reclamar no Brasil: o legado de Goethe está vivo – e em boas mãos. Não somente é fácil encontrar nas livrarias ótimas edições das principais obras do maior poeta da língua alemã, como também dispomos de inúmeros estudos acadêmicos sobre sua colossal obra literária, filosófica e científica. O recente livro organizado por Cecilia Marks e Marcus Vinicius Mazzari e publicado pela Ateliê Editorial, *Romance de formação: caminhos e des-caminhos do herói*, certamente encontrará um lugar confortável na já extensa estante dos estudos goethianos brasileiros.

Sim, o título da capa não engana: não se trata, explicitamente, de um livro “sobre” Goethe, mas de uma coletânea de estudos sobre o *Bildungsroman* levados a cabo pelos mais prestigiados tradutores e críticos do país, como Wilma Patrícia Maas, Paulo Bezerra, Eduardo de Assis Duarte,

Maria Augusta Vieira, Luís Bueno, Sandra Guardini Teixeira Vasconcelos, Willi Bolle e Walnice Nogueira Galvão, entre outros igualmente relevantes.

Sim, é verdade, o título da capa não engana: o livro servirá muito bem aos leitores que desejam compreender melhor a história e a teoria do romance moderno, especialmente àqueles que querem saber mais sobre o gênero teorizado por autores essenciais como G. W. F. Hegel, György Lukács, Mikhail Bakhtin e Franco Moretti – um gênero literário que, diga-se de passagem, segue ainda como um dos mais prestigiados da contemporaneidade, a despeito das “crises”, “paródias”, “traumas” e “deformações” pelas quais tem passado.

Sim, sem dúvidas, o título da capa não engana: não se frustrará o leitor que comprar o livro com a intenção de conhecer um

GABRIEL VICTOR ROCHA PINEZI

é professor colaborador do Departamento de Letras da Unicentro-Guarapuava.

panorama dos caminhos e descaminhos dos heróis que povoam os romances modernos escritos por gigantes como os germanófonos J. W. Goethe, Alfred Döblin, Karl Phillip Moritz, E. T. A. Hoffmann, Thomas Mann, Robert Musil e Judith Schallansky, os anglófonos Charles Dickens e James Joyce, o russo Fiódor Dostoiévski, o latino-americano José María Arguedas, os franceses Victor Hugo, Gustave Flaubert e Honoré de Balzac, o castelhano Miguel de Cervantes, o português Camilo Castelo Branco, o italiano Italo Svevo, a moçambicana Paulina Chiziane, além dos brasileiros Lima Barreto, Machado de Assis, Guimarães Rosa, Jorge Amado, Antônio Callado e Clarice Lispector.

Sim, é inegável: o título da coletânea é de uma precisão exemplar, inclusive naquilo que dissimula. Pois, embora a proposta seja a de uma extensa coletânea que dê destaque à multiplicidade de teorias e romances, fica muito evidente, ao fechar a página 568 do livro, que o nó que atou esses variados nomes reais e ficcionais num imenso volume é um único autor: Goethe. Daí que o título diga: há *caminhos e descaminhos*, no plural, mas apenas um *herói*, cuja singularidade é a de ter sido primordial e arquetípico. O nome dele conhecemos bem, pois é o primeiro a ser apresentado pelo livro e também o único que mais define do que é definido, que é mais ponto de ruptura histórica do que descendente de uma linhagem de textos literários: um pobre cão de nome Wilhelm Meister, que, em sua condição de herói burguês e problemático, precisou fazer-se indivíduo pelas próprias ações – pelo amor, pela arte, pelos erros, enfim... pela experiência –, já que a nobreza de berço lhe foi negada.

Como bem nos mostra Mazzari (p. 29), aquilo que faz de Wilhelm Meister o he-

rói arquetípico do romance de formação é precisamente o desejo de “recusar [...] os ideais e caminhos burgueses preestabelecidos” – desejo que, não nos esqueçamos, é o mesmo do melancólico Werther, incapaz de adaptar-se aos desígnios que o mundo dos negócios lhe reserva. A indisposição inicial de Meister em aceitar-se como mero caso de sua classe social reenena, como em Werther, o mal-estar do herói do *Bildungsroman* frente à condição trágica da existência – isto é, aquela que Ésquilo e Sófocles encenavam tão bem com os temas da maldição familiar e da tentativa vã de controlar o destino.

A essa condição trágico-hereditária, que no mundo grego só pode conduzir ao declínio, o herói de Goethe responde com seu projeto formativo, isto é, com a façanha de *tornar-se* nobre pelas próprias mãos. Ao contrário de Édipo, cujo declínio foi o de ter se tornado *týrannos* pelas ações, quando era na verdade *basileús* por natureza, o herói de Goethe alcançará, ao fim de seu caminho, certa harmonia entre ação e destino. É essa solução harmônica da condição trágica que distingue o herói de Goethe de outros: sua *natureza* é a de um *tornar-se*, seu *ser* é inteiramente sua *história*.

Tal relação entre destino e vida é a marca do romance de formação, gênero interpretado pela tradição teórica alemã – especialmente de matriz hegeliana – como sintoma da condição problemática do sujeito moderno, infinitamente distante dos valores “estáveis”, “harmônicos” e “naturais” da antiguidade pagã. Daí o diagnóstico que se repete ao longo de todo o livro por diferentes estudiosos: o que perpassa todos os romances de formação é aquilo que perpassa todos os romances, isto é, a tensão entre a subjeti-

vidade e a realidade, o individual e o coletivo, o pessoal e o social, o ideal e o real. A solução que o romance de formação – ao menos o goethiano – dá a essa tensão é a da adaptação harmônica e gradual do herói, cujo ser não é medido mais pela simples natureza, mas pelo tempo, pelos desdobramentos de um *tornar-se*.

É essa leitura, marcadamente dialética, que se repete ao longo de quase todos os estudos da coletânea de Mazzari e Marks, sintetizada na tão repetida fórmula de Hegel de que os caminhos e descaminhos do herói se dão como um embate entre “a prosa do mundo” e a “poesia do coração”. A função da formação, para Goethe, seria “ajustar” e “harmonizar” essa tensão, buscando uma espécie de síntese que – como bem afirma Mazzari – não se dá tanto pela adequação do real a um *telos* ideal, mas muito mais por um processo tateante de erro e aprendizagem. Daí a importância do conceito de “experiência” para os heróis dos romances modernos e, especialmente, para o próprio Goethe: entre erros e acertos, expectativas e frustrações, caminhos e descaminhos, o herói ajusta-se ao mundo atravessando-o.

Assim, o verdadeiro herói dessa coletânea, mais do que o personagem arquetípico Wilhelm Meister, é o próprio Goethe – aliás, um Goethe bastante específico, o classicista, cujo conceito de *Bildung*, embora bastante contestado em sua própria época, tornou-se paradigmático para nossas definições do gênero literário. Isso fica evidente não só pela clara intenção universalista da organização do livro, balizada pela compreensão goethiana da *Weltliteratur*, como também pela ausência de estudos sobre outros *Bildungsromane* da literatura alemã que se contrapuseram ao modelo de Goethe poucos anos

depois da publicação de *Wilhelm Meister*, como o romântico Novalis, com *Heinrich von Ofterdingen*, ou o trágico Hölderlin, com *Hipérion*. Mais do que isso, a leitura de todo o livro revela a incontestável hegemonia entre nós de teóricos mais afeitos à estética clássica realista (Hegel, Lukács e Bakhtin são os mais citados), com pouca problematização entre os críticos brasileiros dos aspectos históricos e filosóficos da própria ideia de *Bildung*, que, antes de servir a Goethe para definir um gênero literário, foi o conceito mais debatido da cultura alemã entre os séculos XVIII e XX.

Esse viés do livro fica bastante evidente quando percebemos que, diante da tarefa de enquadrar distintos romances ao gênero, os ensaístas parecem menos preocupados em conceber os múltiplos modos possíveis da formação/*Bildung* na história do romance ocidental – uma *Bildung* romântica, uma *Bildung* trágica, uma *Bildung* feminista, uma *Bildung* decolonial, etc. –, e mais focados em medir a *distância* e a *diferença* de todos os heróis da literatura universal em relação ao personagem de Goethe. A sensação de ler tantos críticos competentes discutindo um gênero por meio dos mesmos paradigmas é a de que talvez seja indecoroso falar de *Bildungsroman* no Brasil senão pela perspectiva da literatura comparada, a despeito das armadilhas conceituais tão bem conhecidas que o campo nos impõe em sua eterna oscilação entre o universal e o local.

Qual será a razão para que o conceito de *Bildungsroman* tenha sido manuseado de forma tão operacional e com tão pouca maleabilidade por essa escalação de intelectuais brasileiros tão sensíveis à problemática da formação, sem assumirem individualmente o risco de ultrapassar a condição hereditária?

Talvez, isso seja devido ao pioneirismo e à importância de germanistas como Maas¹ e Mazzari² na apresentação e divulgação do *Bildungsroman* no Brasil: a primeira, definindo o *Meister* como um “cânone mínimo” com base em uma argumentação comparatista, e o segundo, a partir de uma comparação entre o modelo clássico goethiano e a sua paródia em Günther Grass. Embora esses estudos pioneiros sejam de fato os mais esclarecedores sobre o gênero produzidos no campo dos estudos literários, uma compreensão mais justa do *Bildungsroman* enquanto gênero dependerá, no futuro, de uma leitura menos arquetípica, menos modelar e menos comparatista, que seja, ao mesmo tempo, mais original, mais exemplar e mais historicista. Pois, se Maas (2000, p. 24) está correta em afirmar que o conceito de *Bildungsroman* só pode ser pensado a partir de sua historicidade, isso não implica necessariamente que sua história, em pleno século XXI, seja escrita apenas por meio de métodos comparatistas.

A tarefa que fica aos críticos da nova geração, portanto, não é tanto contestar a

premissa que atravessa os 26 ensaios de *Romance de formação: caminhos e descaminhos do herói* – isto é, a de que *Wilhelm Meister* seja o “cânone mínimo” para todos os outros romances de formação –, mas reavaliar em que medida a definição do gênero precisa ser dada por esse cânone ou por uma discussão de matriz sociológica, dialética e comparatista. Talvez seja preciso pensar o *Bildungsroman* para além de seu DNA goethiano – não tanto no sentido de negar a evidente ascendência ou importância do *Meister* na história da literatura universal, e mais no de levantar a hipótese de ascendências não apenas *alemãs* ou *goethianas*. Aos críticos que se empenharem nessa tarefa, será preciso fazer como o próprio *Meister* em relação à sua condição burguesa, buscando seus próprios caminhos teóricos, para além das certezas e dos confortos da hereditariedade acadêmica. Para isso, será essencial atravessar o livro organizado por Mazzari e Marks, que, entre os já publicados sobre o assunto no Brasil, é sem dúvida o mais completo, o mais sintético e o que melhor expressa o estado da arte do cânone.

1 Wilma Patrícia Maas, *O cânone mínimo: o Bildungsroman na história da literatura*, São Paulo, Editora Unesp, 2000.

2 Marcus Vinicius Mazzari, *Romance de formação em perspectiva histórica: o Tambor de Lata de Günter Grass*, Cotia, Ateliê Editorial, 1999.